

QUINTA-FEIRA
Lisboa--3 de Março-1927

5 TOSTÕES

41



sempre
fixe semanario
humorístico

Ex.º Sr.
F. de Alvarães

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFFICINA
TEL. T. 195
RUA DA ROSA, 57

O JEJUM DA QUARESMA

Abstinencia da carne



DEVORA "LINGUADOS" QUE É UM GOSTO!



Os ditos da semana



Já estava restabelecida a ordem. Simplicio leu nos jornais que o socego era absoluto, motivo porque nessa manhã se levantou fresco e bem disposto. Coliou os duros bigodes, olhou as panoplias do corredor, onde o aço das espadas reluzia altivo e forte ao sol da manhã, e foi até à janela. Descobriu a cidade, engalanada de ouro; uma vizinha que cantava as *Rosas*, com alguns espinhos na garganta, e a sua criada, em baixo, na rua, olhando gulosamente o leiteiro, que mungia com pericia uma vaca já entrada em anos... Na frente de Simplicio cavou-se, porém, uma ruga. O seu olhar intemerato teve uma nuvem. Ao lado da janela, o papagaio — presente dum camarada de Africa — derriçava melancolicamente o dono, estendendo com indiferença a aza esquerda. Aquele papagaio era o martirio de Simplicio. Nunca tinha falado, nem mesmo assobiado, embora o amigo que lho oferecera houvesse declarado, solenemente em carta, que o papagaio era muito amoroso, conversador e musical. O *louro*, porém, apesar das festas insistentes do Simplicio, não abria o bico. Estava mudo e quedo — como um penedo. Simplicio falava-lhe ao ouvido, coçava-lhe o cráneo, repetia trechos de opera, esboçava mesmo alguns vivas oficiais.

Nada!

Simplicio cogitou então que aquele presente tinha sido uma partida do seu velho amigo de Africa, para o irritar. Eram amigos, lá isso eram, mas em ideias politicas não se podiam tragar. Simplicio abandonara o regime, trocára o seu órgão por uma folha conservadora, deixára crescer os bigodes, demonstrando assim as convicções ferreas que lhe tinham descido à cabeça. O outro, não: 5 de Outubro era para ele uma data inamovível e historica. Encostado à janela lembrava isto tudo, com tédio e superioridade.

O desamor, a esquivança, mesmo a hostilidade surda que o papagaio lhe manifestava, tinha uma causa. Lá isso tinha, mas qual era não o sabia. Ainda na vespera o malandro do bicho, que andava solto, saíra do poleiro, saltára para cima da mesa da casa de jantar, escorrendo no jornal do Simplicio — admirável de bons principios — uma materia pouco solida, pouco apetitosa e pouco cheirosa.

Simplicio, naquela manhã bem disposto e feliz, tentava mais uma vez chamar a si as boas graças do papagaio:

— Então, não falas?... Diz lá: «As palminhas da Catarina...»

O papagaio olhou-o de soslaio. Inquieto, aninhou-se a um canto do poleiro, e fechou os olhos, como quem diz:

— Vai falar com os mortos!

O Simplicio não se pode conter:

— Malandro! É o tipo lá de Africa que me disse que falavas muito. Naturalmente és ventriloquo... Sim, pelo que fizeste ontem ao jornal, parece que és.

Depois mais calmo:

— Vá, ninguém te faz mal! Fala! Diz alguma coisa... Por exemplo: m... — e a palavra saiu-lhe, sibilina e cambriana.

A ave retoiçou-se, preguiçosamente. Estendeu uma perna, distendendo as garras.

Simplicio teve uma esperança — esperança igual à que tinha na vinda do seu augusto monarca.

— Talvez agora! Anda cá, meu louro... Tão bonito que ele é... Não tenha medo do seu dono... Ele não lhe faz mal...

O papagaio abriu o bico.

Um raio de luz pareceu iluminar-lhe a pupila fria, quando, de repente, perguntou carinhosamente:

— Você não me faz mal?

Simplicio ia desmaiando! O papagaio falava! O papagaio compreendia! A quem agradecer o milagre? Olhava o céu muito azul, onde algumas nuvens brancas recompunham a ilusão da sua perdida bandeira, querendo assim endereçar a alguma entidade celeste aquele prodigio da natureza.

Suave, banhado de alegria, respondeu:

— Ninguém, meu louro!

— Você garante?

— Garanto! Palavra de Simplicio, sempre honrado nos officios aos conselheiros de estado com o *Deus guarde a V. Ex.ª*

— Com certeza?

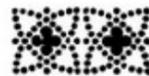
— Com certeza! Diz o que quizeres...

Não teve tempo para acabar a frase. Inesperadamente o papagaio gritou, como se fôsem mil papagaios:

— Viva a Republica! Viva a Republica!

Simplicio fez-se verde, depois azul, depois muito branco. Sentiu qualquer coisa estranha pegada às calças. Não se pode conter!... Agarrou o

bicho e, num gesto brusco, estrangulou-o brutalmente entre as mãos fortes e cabeludas.



Outro dia dois bons pandegos, daqueles que se dão ao automobilismo, cultivando os accidentes com incidencias desastrosas, tomaram um ligeiro e levissimo taxi. Passeio fora de portas: Bemfica-Amadora. Em Bemfica pararam e saborearam um precioso vinho branco, sem còr politica. O *chauffeur* mergulhou-se em varios copos, perfazendo os dez decilitros por um escudo e cinquenta centavos. Estabeleceu-se logo uma intimidade entre o rei do volante e os freguezes. A bandeirinha vermelha, erecta e altiva como a crista dum galo, destacava já o melhor duma vintena de escudos. Mas tristezas não pagam dividas — principalmente de automovel.

O *chauffeur*, bem gasolinado de aguardente, trabalhava melhor que o motor. Pelo menos, assim o afirmava. 50 quilometros à hora — e o automovel passou a Porcalhota. Ao cimo da subida que ali ha, *chauffeur* e freguezes viram um jornal estendido no caminho, a pouca distancia da passagem da linha ferrea. As cancelas estavam abertas. O *chauffeur* então, para provar os seus meritos audaciosos, batidos em todos os autodromos das ruas da capital, declarou com enfase:

— Vou parar o carro mesmo em cima do jornal. Vão ver a minha segurança.

Meu dito, meu feito. Primeira velocidade. O automovel esquece-se que o caminho é mau. Sobee a toda a força — e, contra o prometido — passa sobre o jornal sem se deter, indo parar à linha ferrea, onde nesse instante passava o comboio das Caldas. O panico dos freguezes foi indescritivel. Acudiu gente — lamentando a iminencia do desastre, com muita pena de o não terem presenciado para o irem contar à familia. Enfiado, com medo, o *chauffeur* não sabia o que dizer. Nervosamente soletrou apenas:

— Tenho que voltar atrás. Preciso daquele jornal para uma necessidade urgente...

Ao que os freguezes responderam:

— Não o utilize todo. Olhe que nós tambem precisamos de desabafar...

Olharam-se e compreenderam-se!

NO COLISEU



— ... e dez homens em cima de uma mulher!
— Ah sim! Então tambem vou p'rá geral.

**HUMORISMO
NO
ESTRANGEIRO**



—Guardas o meu guarda-chuva um minuto...
—Mas...
—Põe-o atr. da orelha!



—O que estás fazendo nessa posição tão pouco decente?
—Escute um sermão de moral!



—Não estás aqui agora. Basta esperar dois dias para estar em soto e... sózinho.



—O senhor é cantoneiro?
—Emfim encontro alguém que me pode explicar o que se passa em Cantão.



—O que fazes enquanto trabalho?
—Admiro a paisagem!

UMA GRANDE PEÇA

«Espada da Moita»

A notícia duma peça nova que, com o título de *Espada da Moita*, estão escrevendo do's novos autores, caiu como uma bomba!

A's parcerias, pareceu-lhes uma afronta a aparição dos dois novos aparecidos. Os empregarios emprazaram os novos presados autores a desistirem, num prazo curto, sob pena de os prenderem mais curtos.

O Robles começou a inchar, a inchar que até dava medo. Ao Erico e ao Clemente puzeram-se-lhe os cabelos em pé e ao Climaco apareceram-lhe cabelos brancos, o que alguns atribuíram erradamente á união com o Macedo. O Armandinho desatou aos pulinhos e o Almeida Cruz endoideceu a gritar que era tenor.

Os autores, ante a impossibilidade de continuarem vivendo, entraram de meter vales até os empregarios dizerem: «Não vale mais!»

Emfim, lavra o panico!

O *Sempre fixe*, pela pessoa deste redactor, pôs-se em campo e foi entrevistar um dos novos autores. Justo é confessar que ao entrevistador é atribuída a paternidade da nova obra em colaboração com o entrevistado. Mas os tempos são de elogio mútuo e a caridade bem entendida começa por nós mesmos; não era, portanto, ocasião de estarmos com exquisites o fômos tratar da vidinha.

Além de que todos nós sabemos como estas coisas se fazem e temos visto os auto-elogios que os consagrados mandam ás redacções.

Fômos, pois, entrevistar o escritor Julio Pires que, como todos sabem, se não pára na «Brasileira», anda pelo Chiado, a que ele chama o seu «quintal».

O «Julio» limpou os óculos, calcinhas fadistas e, dando a papadela á «beata», cuspiu assim:

—Esses gajos estão a presumir há muito tempo e vai dahi resolvi pergualhes uma peça na boca do estomago.

—A peça...

—E' o *Espada da Moita*, sim, senhor, e então? Assustam-se? E' assim mesmo! Acabaram-se os Pirandellinhos e os «Chó»!

—Chó?! Que expressão, volvemos escardalizados.

—E' teatro livre, além de que eu sou muito sintético e digo as coisas como as sinto. Pois é verdade, a peça tem cor e movimento, como agora se diz. Cor, porque todos se vão vêr azuos com ela: empregarios, autores e publico. E movimento, porque o primeiro acto se passa no vapor de Setubal, o segundo no cirio da Atalaia e o terceiro numa corrida da Moita. Não me negará que não manda movimento e que não é para mudar de cor ao pessoal.

—Não ha duvida!...

—A peça, á maneira dos sainetes dos meus colegas manos Quinteto, está inspirada naquela copla, você sabe: «Foi no vapor de Setúveles», etc., e é tal qual uma grande tróilha na tromba das mulheres do natureza «voluveles», o que rima e é verdade, como na copla.

—Admiravel...

—Issi sei eu, olha a novidade!

—Musica de consagrados autores?...

—Livra! Musica autentica e nova todas as noites. A rapaziada que canta é toda de cor, para evitar a «vigarrice» da gente do teatro. Vai uma noite e arranca-se a «Micas» pelo «rigoroso», outra é o «Pau Negro» que ataca o «choradinho», emfim é o que sair ao sentimento.

—Scenografos...

—«Cães scenografos!» O vapor ha de ser autentico e com agua «para esbadanar» as ventas dos «cói» da primeira fila. O cirio é fixo ali todas as noites, com vinho á «indiscreção» e a tourada é com touro e tudo, «prós» tenores não presumirem.

—Ensiadores?

—Sou eu e o «Mano Estevão», ali á bazanada nas ventas dos comicos. E o ponto vai ser aqui o «João Franco», que é um grande «ponto»!...

Perez-Lachaise

A JORGE DE ABREU

Jornalista distinto que retomou a direcção do «Primeiro de Janeiro»

A ti, que sempre bem aquilataste os que na Imprensa fazem a cruzada eu, apesar de nela ser um «nada» ousado, em meus versos que não tem contraste,

dizer-te que, na casa onde voltaste e foi por tua mão acimentada, vêjo, encimando-a, ao vento desfraldada a flâmula que, em tempos, conquistaste.

E a tua pena, de saber sensato, vai ressurgir, nesse torrão tripeiro a invulgar finura do seu tacto...

Folgo — acredita — velho companheiro. — Tinhas que ser, uma outra vez, o «Gato» que mais miasse, d'alto, no «Janeiro»!...

JOSÉ BARBOSA

**HUMORISMO
NO
ESTRANGEIRO**



—Mamá! Depressa! O tio Henriquo precipitou-se dos rochedos...
—E está ferido?
—Não sei! Ainda não tinha chegado lá em baixo quando vim para aqui.



—Digo-lhe, meu caro senhor, que sou um pouco surda.
—E eu. Assim devemos entender-nos bem.



Ele—Um ano, mais! Que horror!...
Ela—Faz como eu que ha oito anos estou a fazer quarenta e nove...



—Não te compreendo. Umaz vezes és tão tímido, outras tão atrevido...
—Não admira. A minha ascenden-cia é metade de homem, metade de mulher!...

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

ANTONIO Carneiro, nosso querido colaborador e poeta de formosissimo talento, traduziu a *Lei Seca*.

Será uma conversãa?...

■ ■ ■

ALVARO de Andrade está batendo o record das boas traduções. Ha quem pense em inscrever no seu futuro monumento literario esta frase nos versos de Camões:

*E se mais traduções houvera
mais traduziria.*

■ ■ ■

ROBLES Monteiro muda de peças como quem muda de camisa. O pior é que o cesto da roupa suja está muito cheio, e não ha quem o queira lavar, por falta de sabão...

■ ■ ■

—Já foste ao Olho da Providencia?

—Ai, filho! Não vou nisso...

■ ■ ■

LINO Ferreira está escrevendo uma revista que se intitula *Água-Pé*.

—Tens esperanças no trabalho?—
preguntou-lhe um amigo.

—Oh! se tenho! Quanto mais pro-
vo, mais gosto. E' melhor do que ca-
chaca de preto...

■ ■ ■

O sr. dr. Vasco Borges foi preso, em virtude dos ultimos acontecimen-
tos, mas pouco depois restituído á li-
berdade.

Houve quem comentasse:

—Olha que captivo... o Carlos Bor-
ges ia arranjando.

■ ■ ■

AMELIA Rey Colaço, no Carna-
val, imitou *La Goya*.

Apesar do segredo, houve quem a
reconhecesse...

■ ■ ■

O S. Luis transpirou no Carnaval
A revista e os seus fantamas. A inter-
pretação foi tão interessante que um
espectador, destes que se encontram
em terça-feira gorda, sentenciou á
saída:

—O titulo não está bem. *A revista
e os seus espectros* ficava melhor.
Ajustava-se ao desempenho e não bu-
lia com os fantamas, que já estão
muito descarnados... Que o digam os
empresarios.

As *Actualidades*, do Gimnasio, ti-
nam quatro letras: X. P. T. O.

Como ontem deixámos o Carnaval,
ainda se pode dizer:

K. H. I. O—pequeno,

■ ■ ■

NOVOS maestros despontam no fir-
mamento musical: Leopoldo Frois,
Erico Braga e Joaquim Almada, que
regeram, nestas noites de folia, a or-
questra do Trindade.

Ninguém adormeceu — em virtude
da batuta ser silenciosa...

■ ■ ■

NO S. Carlos:

Está aberta a sessão!

Como nas Camaras, quando o pre-
sidente entrava na ordem do dia,
constatando que as bancadas estavam
desertas:

*E' encerrada a sessão por falta de
numero!*

■ ■ ■

CORRE nos bastidores que Chaby
Pinheiro vai para o Maria Vitoria.
Como é grande a desproporção entre
o conteúdo e o continente, aquele

actor resolveu emagrecer para poder
entrar no teatro da feira,—ainda as-
sim pela porta mais larga...

■ ■ ■

SOBE brevemente á scena, no tea-
tro Politeama, uma peça do dr. Al-
fredo Cortés.

Intitula-se *Lourdes*. Esperamos que
seja um milagre de exito e uma con-
cessão de talento!

■ ■ ■

NO almoço em homenagem a Leo-
poldo Froes, no momento em que este
ia agradecer os brindes efusivo que
tinham sido feitos,—Estevão Amaran-
te largou, com oportunidade:

—Agora fala o senhor que se se-
gue...

■ ■ ■

«EMPRESARIO—Precisa-se para
abrir o Maria Vitoria.

Não se accitam intermediarios.
Trata-se com o proprio, mesmo que
ele esteja na China...

Ena de Oliveira e Jorge Roldão



Sorrisos ao alcance de todas as bolsas e de
todas... as palmas

ERICO Braga, cansado de desco-
brir as maiores celebridades euro-
peias, importou de Africa, por via
Espanha, uma bailarina negrissima
e competentissima em *charlestons* e
outras diabruras coreograficas, de ul-
timo estilo. Hopkins—assim se cha-
ma a imitação de Josefina Baker—fes
furor no Carnaval. Como a beleza
não tem côr, apareceram-lhe muitos
admiradores, tantos e tão activos em
galanteios, que Hopkins, num acesso
de vaidade, arriscou em bundo esta
frase que Erigo Braga, poliglota dis-
tinto, logo traduziu:

—Preta tambem ser gente. Não
gostar de ser comida senão pelos an-
tropofagos do seu país...

■ ■ ■

Malas de *tournée*. Atrapalhações de
ultima hora. O sud apita. E' a hora.
Meio minuto. Meio segundo e apare-
ce, muito estafada, muito indignada,
uma actris da companhia. E' içada
para o comboio, rapidamente.

Já lá dentro, volta-se e com os olhos
faiscantes de colera, diz para os cole-
gas:

Já lá dentro, volta-se, e, com os
olhos faiscantes de colera, diz para os
colegas:

—Parece impossivel que por um
pouco estivesse para perder o com-
boio... Então ele não podia esperar
por mim?

■ ■ ■

NO Nacional não houve divertì-
mentos de Entrudo. Bastou o *Maluco
das Avenidas Novas* para encher o
teatro.

Eis o que se chama uma fascina-
ção patologica!

■ ■ ■

MAITRE *Bolbec et son mari*—
grande successo!

Em tempo, houve quem quizesse
pedir o divorcio teatral da persona-
gem... Por fim, tudo acabou em bem,
como na peça... Que seja por muitos
anos e bons!

■ ■ ■

ANUNCIA-SE para breve, no Ave-
nida, o *Bem Ladrão*.

Declaramos desde já que o seu com-
portamento é exemplar. Damos por
testemunha—o publico, e por juiz—
a critica. E' quanto basta para ser
absolvido em 1.ª audiéncia, na pre-
mière.

O Homem das 5 horas

Bom humor

A NOVELA DO "FIXE"

Deixa falar que é mentira

FADO DO ENTRUDO

Mote

*Foi-se o Chéché folgusão
que tinha a graça ruim;
no chapéu de papelão,
d'escrever: Mer... p'ra mim.*

Glosas

*Belos tempos do tremço,
da bisnaga d'agua choca
da cégada co'o pinoca,
borrachas com pipo d'osso,
das cocotes o destroço,
das pinturas a zarcão
nas ventas do folião,
dos papelinhos doirados...
Desses tempos já passados
foi-se o Chéché folião.*

*Foi-se a velha alcoviteira,
foi-se o som das castanholas
que umas falsas espanholas
nos moía a moleira.
Quasi não se ouve a guizeira
e a cega-rega sem fim,
ndo ha masc'ras de setim.
Foi-se o galego da bomba
onde se via, p'la tromba,
que tinha a graça ruim.*

*Já não se vê nas tipoias,
com mascarilhas tapadas,
nas boleias recostadas,
sensaborissimas croias.
Até nem se veem joias
pelos bailes dum salão,
tudo é béra e imitação...
Dos cotillons a alegria
tornou-se em sensaboria
no chapéu de papelão.*

*Hoje quem p'los bailes ande,
p'ra passar um bom bocado,
vê que tudo está mudado
e esta vida é um jazz-band.
A alegria que se expande,
dir-se-ha, chegou ao fim,
sem valor dum alfenim.
E em tão vil humanidade,
francamente, dá vontade
d'escrever: Mer... p'ra mim.*

Reporter B.

A vidente



—O senhor viverá até aos 69 anos.
—Já tenho 65!

A um *touriste* que regressa:
—Que tal a comida, lá no hotel?
—Assim... assim... Na primeira se-
mana morreu um porco á dona do
hotel. Comi porco toda a semana...
Na outra morreu um vitelo... Quinze
dias ininterruptos de guizado... Na
terceira semana, um hospede caiu
gravemente doente... Então, tive mê-
do. Fiz as malas e parti...

* * *

Num bar parisiense. Ele insiste,
ela resiste.

—Mas porquê? Podia ser hoje...
—Adiemos...
—Porque não és gentil?
—Não posso...
—Decididamente.
Ela, explicativa:
—Impossível. O homem propõe e
Deus indispõe...

* * *

Os reis também jogam a bisca. O
rei de Inglaterra encontrou-se um dia
com o seu colega de Italia, numa es-
tancia termal. Pediram um baralho e
jogaram indefinidamente. Vitor Ma-
nuel estava nesse dia bastante aca-
brunhado. Evocava os desastres dos
monarcas da Russia, Alemanha, Bul-
garia e Grecia. O rei Jorge V, com
a sua bonhomia habitual, consolou-o,
dizendo:

—Tens razão, primo! Nós vivemos
dias muito tristes. Não tardará mui-
to que sobre a terra haja apenas cin-
co reis: e de espadas, ouros, paus, co-
pas... e de Inglaterra.

* * *

Um doente vai pela primeira vez a
um consultorio medico, onde se paga
20 escudos pela primeira consulta e
10 pela segunda.

—Doutor: aqui estou outra vez...
—Mas eu nunca vos vi.
—Estive cá a semana passada.
O medico, que percebeu o lógro:
—Pois então siga as prescrições que
lhe disse a semana passada.
E, passando o recibo:
—Des escudos!

* * *

Uma criança entra num jardim, por
uma linda e quente tarde de sol. Ha
ainda orvalho nas flores.

—Mamã, fas mais calor do que
julgava.
—Porquê?
—Não vês as flôres? Coitadinhas!...
Estão a transpirar...



—Ela:—Que dizias?
Ele:—Nada!
Ela:—Naturalmente! Mas como o
dizias tu desta vez?

Conhecem a Maria Cosinheira?
Não a conhecem? Pois é a mesma
coisa, porque eu vou apresentá-la tal
como ela é.

A Maria Cosinheira é uma mulher
já duma certa idade, daquelas de la-
var e durar, ou para melhor dizer:
já durazia e muito lavada, que, para
cada pessoa, tem uma chalaça, chala-
ça medida pela bitola de quem fala
com ela. Com a sua experiencia da
vida, conhece os homens *pelo rodar
da carruagem*, e entre uma sopa bem
apaladada e um bife nervoso do po-
jadoiro, que ela nos convence ser mais
macio do que o lombo, vai contando
uma historia pitoresca ou, algumas
veses, picaresca, e, assim, o dono do
tasco, em vez de nos dar jantares-
concertos, dá-nos jantares com reci-
tal da Maria Cosinheira.

Entre muitas historias, contou-me
a seguinte:

Um fidalgo tinha em casa um crea-
do velhote, que já herdara do pai e
que fazia parte, como se costuma di-
zer, do mobiliario da casa. Homem
honesto, era a ele que confiava deter-
minados serviços particulares de con-
fiança, entre eles o das compras, as-
sim como o de servir os chás em noi-
tes de recepção.

Quando sahia á rua, tinha sempre
uma coisa que dizer ao patrão, uma
coisa que o tivesse sensibilizado.

Uma vez que regressava de fora
por ter ido comprar charutos, des-
creveu ao patrão certa desordem que
vira, da seguinte fórma: «A mulher
agarrou-se ao homem que o policia
tinha agarrado e disse-lhe:—Tu és que
és o pai do meu filho; fugiste-me e
agora has de pagá-las todas...»

—Imagine, patrão, um pai a aban-
donar um filho!...

—Mas, olha lá, tu sabes se a mu-
lher falava verdade?

—Eu, não senhor...
—E viste o filho?

—Eu, não senhor...
—Então deixa falar, que é men-
tira.

Uma outra vez que foi ás compras
não trouxe peixe.

—Olhe, patrão: peixe, hoje, não
ha.

—Não ha?!...—diz o patrão.

—Disse-me a mulher que não se-
nhor...
—E tu acreditaste?

—Pois se a mulher o disse...
—Então, deixa falar, que é men-
tira...

—Ora o patrão! O patrão sempre
foi um 'ncredulo—disse o fiel servo;
até é capaz de dizer que o sr. Antonio
Maria da Silva não fugiu...

—Deixa falar que é mentira...
E o *deixa falar que é mentira* an-
dava sempre na boca do patrão, só
para arreliar o creado. Acontece que
uma vez o creado adoeceu e, estando

ás portas da morte, o patrão abei-
rou-se dele e perguntou-lhe:

—Então como vai isso, melhor?

—Pior—disse-lhe o velho com uma
voz fraquissima e quasi apagada.—
Muito pior... Sinto-me morrer, meu
patrão. Já vejo a morte diante do
mim.

—Homem, deixa falar que é men-
tira—disse o patrão.

E o caso é que o velho melhorou e,
com o tempo, ficou são como um
pêro.

O velho nunca se esqueceu que,
realmente, o que dissera da morte ti-
nha sido mentira e começou a dizer
coms'go:

—Agora é que eu acredito que o
patrão, quando diz que é, é porque
é... e quando diz que não é, é porque
é mentira.

Dá-se o caso que, numa noite em
que se realizava uma reunião, o crea-
do, que teve um trabalhão enorme
a preparar a recepção dos convida-
dos, ao servir o chá, por estar entrado
em anos, sentiu-se fatigado e disse
de si para si: *Deixa falar que é men-
tira...* e o caso é que, sentindo ali-
vios de repente, pegou numa grande
bandeja com bolos, *sandwiches* e co-
pos e dirigiu-se á sala, ajuizado com
o peso da bandeja. Passou perto do
patrão e, ao transpôr a porta da
sala, ouviu-se distintamente um pe-
queno ruído, como se fosse madeira
que estalasse ou, melher, como um
tiro de pistola que estivesse embru-
lhado em algodão.

O patrão, que se encontrava encos-
tado no limiar da entrada, chamou-o
a capitulo e disse-lhe:

—Jerónimo, olhe que isso não se
faz; estão ahí visitas e é uma vergo-
nha.

—O quê, patrão?...

—Então, tu julgas que eu não
ouvi?

—O quê, patrão?...

—Hom'essa!... Se até me cheira...

—Ao quê, patrão?...

E, ao ouvido, o patrão disse-lhe o
nome proprio por que é conhecido
esse flutuoso ruído...

—O' patrão, não diga isso, que não
é verdade.

—Não é verdade?!
—O patrão viu?

—Ver, não vi... ouvi...

—Então, se não viu, deixe falar
que é mentira...

No entretanto, passava perto, pres-
surada e alegre, a esposa mulata de
um funcionario das colonias, que per-
fumava o ambiente empestado com
umas fortes emanações de uma essen-
cia de Houbigan...

Era ainda, uma vez mais, a menti-
ra a ofuscar a verdade.

José Barbosa.

!! Não queira ficar assim !!

USE a VITELINA-VITERI

7 C N I C C AMARELO

Orne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8500

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, D. - LISBOA



Brincando

Um jornal da America do Norte, órgão da colônia negra, disse e espalhou com muito orgulho, que Gago Coutinho e Sacadura, os heróis do ar, tambem eram pretos.

Todos ficaram pasmados
Com afirmação tão forte,
Ficando mesmo assombrados,
Aqueles negros do Norte.
Não sabiam de aviador
Que tivesse a sua cor!

E logo de tanta glória,
De tanto arrôjo e tesura,
De tão grandiosa vitória
E de tamanha aventura!...
Negros os azes do ar!...
E' de facto p'ra assombrar.

Mas vendo bem a questão
Olhando o caso de perto,
D'espanto não há razão,
Pois não há nada mais certo.
O jornal que o publicou
N'a'lgum facto se fundou.

Talvez troca de sentido
Na noticia publicada,
Assunto mal traduzido,
Alguma frase truncada,
E veja o leitor amigo
Se não concorda comigo.

O que o jornal quiz dizer
E o que disse afinal,
Fácil é de compreender:
E' que do Gago e C'bral
Era n pretas o de lei
Umás coisas que eu cá sei.

JUCA ALEGRIA

Charleston

**A dança mais bela e chic
Só no BRISTOL é dançada**

Quem p'la melodia terna
d'um sonoro jazz-band
ancioso por aí ande,
como manda a lei moderna
deve ter agil a perna,
ter na linha um certo tique
para que gravado fique
quando a dança o apaixonou
que, hoje em dia, é o CHARLESTON
a dança mais BELA e CHIC.

E', pois, o CHARLESTON que incensa
toda a nova geração
que embriaga em turbilhão
Lisboa — cidade imensa
sob a profusão intensa
de luz de cor variada,
a mocidade enervada
dá no CHARLESTON uma prova...
—Assim esta dança nova
Só no BRISTOL é dançada.



—Meu marido, que é paralitico,
tambem levou um tiro!
—E depois o que lhe aconteceu?
—Oral Entrou-lhe por um ouvido
saiu-lhe pela outro.

A revolução pelo telefone O fantasma

A "fixeza" das telefonistas

O *Sempre fixe*, no mais alto dever de admiração o de reconhecimento, vem prestar ás *meninas do telefone*, que desde a inauguração daqueles aparelhos em Portugal até ao fim da revolução tanto tem contribuido para o enervamento, neurastenia e surdez nacional, as mais sinceras e profundas homenagens ás suas magnificas qualidades de trabalho, disciplina, coragem, heroismo e *fixeza*.

O seu interesse em bem servir o publico foi tão marcante que nós fez esquecer o *perdoar* o tempo que, quasi sempre, aguardamos, de auscultador em punho a sua voz aflautada e mal humorada, perguntando «Quo numero deseja?», as demoras nas ligações, constantes interrupções e infalveis equivoções.

Porquo não confessar? Em tempo de convencionalidade tranquillidade, cada vez que se tira o auscultador da suspensão, aguarda-se sempre 3 minutos pela colia voz da telefonista, repete-se o numero 3 vezes, está 3 vezes a falar e só á terceira vez é que, por milagre dos Deuses, se consegue o aparelho que pretendemos desimpedido.

Oh! Mas durante o periodo dos «puns», Santo Deus, nada de demoras, nada de enganar, nada de cortar as ligações. Que trabalhinho!... Creiam que é a unica coisa que nos faz ter pena que a revolução tives-o acabado.

Que grande e extraordinario serviço que as meninas fizeram!...

Mal tocavamos com o dedo maminho no aparelho, já a sua voz brejeira e sonora, cheia de interesse, estava perguntando o numero desejado.

—Norte 2731.
Imediatamente, a menina nos dizia delicada e carinhosa:

—A zona norte não fala. Os revolucionarios cortaram as linhas, mas talvez Vossa Excelencia conheça alguém na zona Trindade; ahí poder-lhe-hão dar quaisquer novas.

—Então, faz-me o obsequio...

—Obsequio, não. Nós estamos aqui para bem servir os subscritores.

—Oh! minha menina, «aproximadamente» gentil (como diria o popular actor Carlos Leal): mil vezes obrigado. Dá-me, então, Trindade 327.

—Trindade 327, repetia.

—Exactissimamente o 327. E ainda não tinhamas tido tempo de repetir o ultimo acto, já a voz da pessoa com quem deejavamos falar articulava decemente:

—Quem fala?

—Daqu' é o João. 'Tás boa?

—Bem, obrigada. Mas cheia de pavor. Não pões na tua ideia, filho, o que é aqui o tiroteio. E que malandragem, não calculas!... Só vendo se acredita. Escuta lá: que sabes de novo?

—Os homens do Porto renderam-se.

—Palavra?

—E' o que te digo.

—Sabes se foram presos os cobecilhas ou se fugiram.

—Uns foram presos, outros escaparam-se, como o Cortezão e o Zé Domingues.

—O quê? Conseguiu fugir o Zé Domingues?! (ironica) Elo levaria ainda o cravo na lapela?

—Não, deixou-se desflorar. Assim fugia com mais facilidade.

—E' incrível! O que me dizes não é confidencial, não?

—Não.

—Vou comunicar a uma minha prima, que está mortinha por saber novidades. Adeus.

—Adeus, amor. Não metas a cabeça do fora da janela. Adeus com o tiro.

Como o exagero é uma essencia do espirito feminino, dentro de alguns segundos estabelecia-se com a prima o seguinte dialogo:

—Está lá, está?... E's tu, Joana?

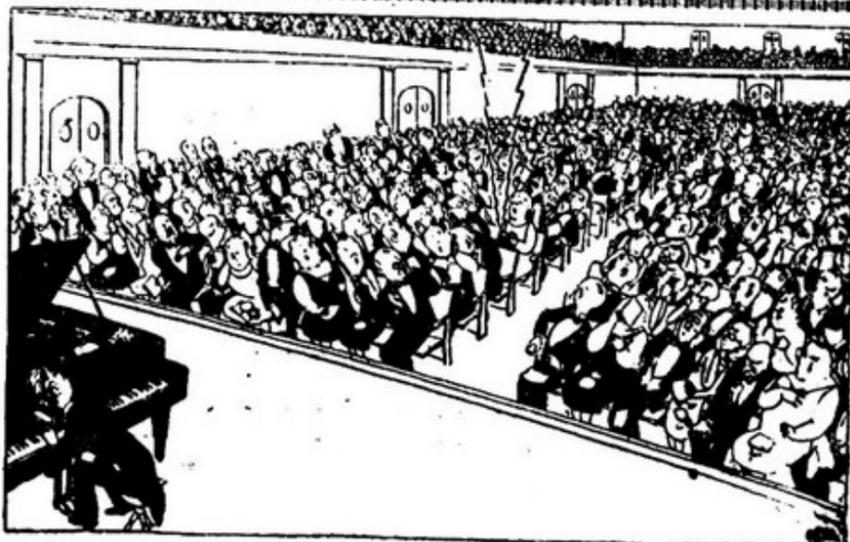
—Sou, sim, que ha?

—Os do governo venceram no Porto.

—Já sabia. Citado do Zé Domingues, quem havia de dizer... Lá se lhe foi o cravo (aflita). Aqui, vai um tiroteio infernal, constando-me, ha pouco, que uma granada acertara mesmo em cheio nas costas do fino poeta Bruges de Oliveira, quando, na Praça da Alegria, fazia versos a um lirio que se espelhava nas aguas calmas do lago. Mais me disseram que tinham cortado a pera ao Bernardino, pon-to-lhe o bigode á Charlotte!... Que o rato Sevilha, escondido no quiosque, se agarrou com toda a alma a uma metralhadora e matara todos os passarinhos da Praça de Camões!...

E assim foi crescendo a fantasia o pintando cada um a seu bel-prazer as mentiras que, como bolas de sabão, tomaram volume, elevaram-se, fazendo caminho até o vento da verdade a dissipar.

O numero impedido.



Ruido Inoportuno

O fantasma tinha sido em vida um ser do sexo masculino, mas caprichava em revelar-se em trajes de mulher. Invertera tudo, feminisara tudo. Quando a meza de pé de galo lhe perguntava:—Como te chamas?—o fantasma respondia:—Bota. Aquilo era uma mania. Já em vida o fantasma, que era poeta lubrico, tinha dado indícios das suas predilecções femininas, fotografando-se decotado como as senhoras, para as exposições dos seus livros.

Agora revela-se, quasi diáfano, como um espectro que se presa, e anda por essas ruas, imponderavel e etéreo, cercado duma sua filha a que chama os seus homens.

Quando calha vai a casa do Homem e já tem estado em riscos de ir parar á casa dos doidos, ou ao governo civil, porque a população que não sabe que ele é um fantasma, quando lê os seus poemas, acaba sempre por dizer:

—Coitadinho. Não diz coisa com coisa.

Os seus homens defendem-no e há filhos que lhe entregam os pais, decaradamente.

Ninguém acredita que ele seja um homem. Os criados dão-lhe conselhos, dizem-lhe que não se apresente como mulher, mas ele que está convencido de que é Bota, anda a pedir a toda a gente para o atacar. Como Bota que se julga, o seu maior prazer é sentir-se roçar por uma calça ou por uma polaina. Com umas esporas delira e delira que o engraxem todo com pomada amor.

A's vezes cercam-no todos os homens que tem enganado, a quem se tem feito passar por mulher e todos o invectivam ásperamente e ele desfalece. Nessa altura surge sempre outro espectro, o fantasma daquilo que o trouxe á luz do mundo e é como um pai que o ampara e faz afugentar os espiritos maus que o perseguem—o Sevilha.

E ele treme e chora como uma criança.

—Eles foram-se embora, pai? Eles já não me fazem mal, pai? Eu tratava-te mal, pai?

E o pai diz-lhe que não e cobre-o com o seu braço e com o seu corpo. Quando socega, o fantasma evolva-se, e ele passa-se para casa dum infante...

BRISTOL CLUB DANCING

Jantar concerto das 19 ás 22 h.



A' saída do teatro:
—Não achas que os actores falavam muito baixo?
—Delicadeza elementar! Não queriam acordar os espectadores.



AS GRANDES PROVAS

Um "match" inesperado de foot-ball

As eliminatórias da Figueira, Faro, Porto e Lisboa

A ultima quinzena foi de tal forma dedicada ao desporto puramente amador, que o Governo entendeu por bem não permitir a realização dos habituais encontros de *foot-ball*, *hockey*, *rugby* e de tantas outras modalidades desportivas que pudessem prejudicar as grandes provas oficiais.

O certo é que estas ganharam em grandeza e latitude—e de tal forma que as duas ultimas semanas marcam pela efectivação dum torneio absolutamente olimpico e dum exito tudo o que ha de mais ruidoso.

E foi tal o barulho que até a imprensa estrangeira entendeu merecer-lhe o torneio largas apreciações.

De facto, em desportos atleticos realizaram-se notaveis *performances*, no lançamento de granada, em corridas de velocidade, estafetas e saltos de trincheira.

Os *matches* de *rugby* realizados no Rato obtiveram um sucesso unico com os *drop-goals* marcados no Palacio Palmela, e *melées* encarniçadas.

Mas o maior exito do torneio foi indiscutivelmente o campeonato nacional de *foot-bala*, em que a *equipe* azul se classificou para o *match* final após três eliminatórias realizadas na Figueira, em Faro e no Porto.

A final, disputada em Lisboa, contra o terrivel e afamado *Red Star*, foi ainda ganha pelos azuis.

Os nossos deveres de imparcialidade levam-nos a afirmar que a *equipe* vencedora abusou um tanto do jogo duro, tendo beneficiado de dois formidaveis *penalties* que entraram imparavelmente no pontão do Arsenal de Marinha.

Com estas quatro sucessivas victorias, o *team* vencedor ficou na posse definitiva do titulo nacional, projectando-se uma festa de homenagem ao *captain* Passos e Sousa, que nos *matches* do Porto e de Lisboa deu mostras duma rapidez e duma colocação que lhe garantem um lugar de internacional.

De facto, a sua *equipe*—meteu uma lança em Africa...

* * *

O grande torneio olimpico não permitiu a realização do II Portugal-França em *foot-ball*.

Os franceses embirraram com a escolha do dia 13 e estão decididos a não jogar connosco, a menos que os seus *players* beneficiem dum seguro de vida, com a garantia do pagamento de pensões do sangue ás respectivas familias.

* * *

Ha dias, compareceu perante o juiz Mischlich, do Estado de New-Jersey, um automobilista que a policia prendera quando guiava o seu carro com uma unica mão.

O magistrado interrogou-o: —Que fazia o senhor com a outra mão?

O guarda captor atalhou: —Excelencia, o braço direito tinha-o eu passado á cintura duma

senhora que ia sentada ao meu lado.

O juiz sentenciou, gravemente: —O acusado pagará uma multa de 10 *dollars* por ter cometido uma imprudencia de que o publico podia ser vitima. Não lhe nego o direito de *flirtar*, mas não ao volante dum carro. Cada coisa a seu tempo e, muito em especial—*em local proprio*...

Dez *dollars*—duzentos mil réis! Se a rapariga era bonita, o preço não chegou a ser pela tarifa 1.

* * *

Dialogo entre dois nadadores modestos:

—Eu sou um nadador extraordinario. Ninguém pode igualar-me. Salto para a agua com uma agulha na mão squerda e o fio na outra. Quando volto á superficie, trago a agulha enfiada.

—Faço melhor do que isso. Quando me atiro ao Tejo com uma nota

de cinco escudos, volto á superficie com o troco feito em cobre.

* * *

Corre nos *mentideros* desportivos que está para breve a saída dum segundo numero das *Selas Desportivas*. Será seu director, unico proprietario e unico autor: Candido de Oliveira.

Segundo nos informam, nesse segundo e ultimo numero, Candido de Oliveira demonstrará, com provas irrecusaveis, reproduções fotograficas e zincogravuras concludentes, que o primeiro numero do seusacional panfleto foi integralmente escrito e manufacturado por Julio de Araujo e Ryder da Costa, que assim pretendiam liquidá-lo.

* * *

Ha quem ande tratando entre nós da introdução dum novo desporto. Chamam-lhe os jornais: *pelota vasca*—e não sabemos o que seja.

Existe de facto, um desporto regional vasconço que se joga com uma bola. Serão, a bola vasconça e a *pelota vasca*, uma e a mesma coisa? A primeira vista não parece.

Porque, se *vasca* não é adjectivo português—a *pelota* é, simplesmente: obscena.

* * *

Um agente da fiscalização do transito manda parar um automovel por levar as lanternas apagadas.

Reprende duramente o *chauffeur*. Este pretende explicar-se. Mas o policia interrompe logo:

—Lembre-se que, quando fala com um agente, o senhor deve estar calado!

* * *

O grande torneio olimpico da quinzena passada não permitiu tambem a efectivação da assembleia geral do *Sporting*, em que deviam encontrar-se as forças governamentais e as dos esquerdistas.

Ficou adiada *sine die*, constando-nos que a comissão administrativa já conseguiu a filiação do capitão Jaime Baptista.

CAUTELA, CAMPEÕES...



...que o Vitoria já mandou 3 ao ar

Rebola-A-Bola.

A ultima mascara



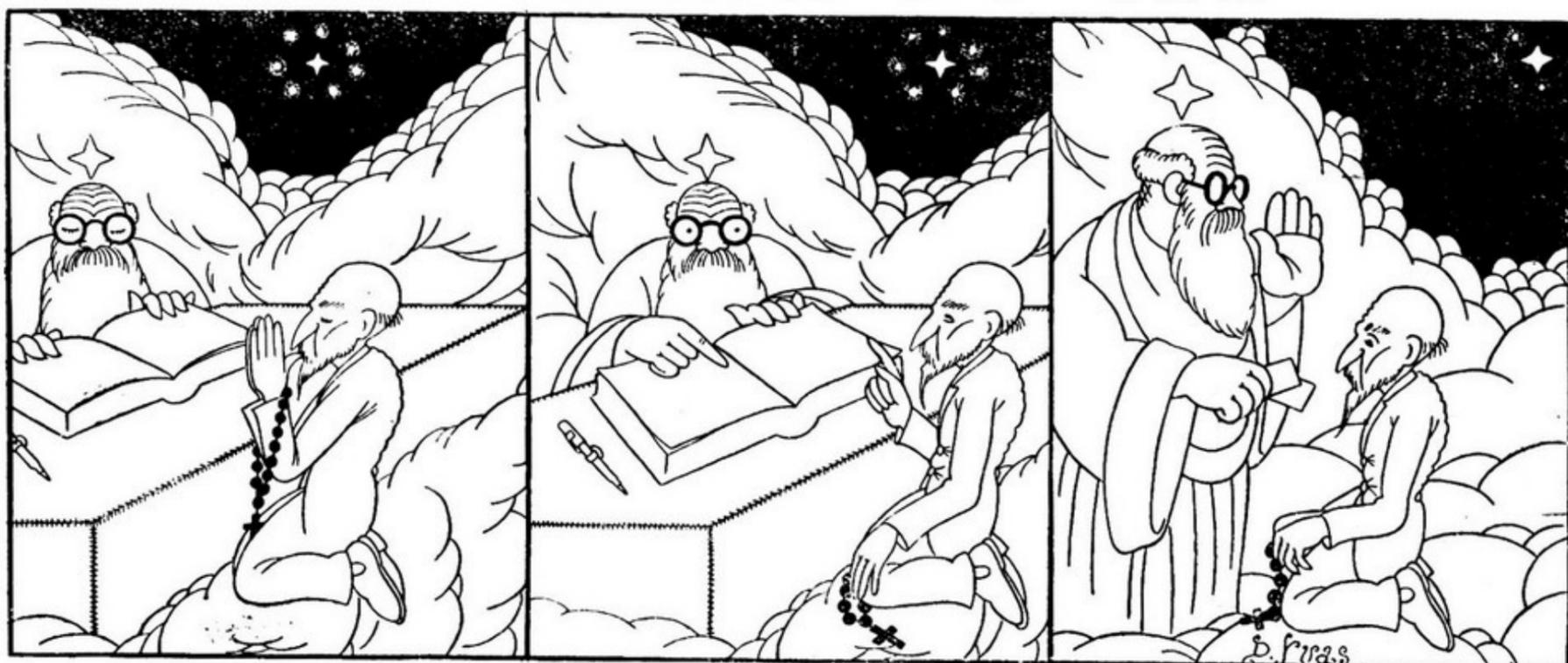
Magnifique, o "celebre", faz a mala e embarca para Tanager, pensando que "les portugais sont toujours gals"... mas não são "trouxas!"

Do mal o menos



— Vá lá, vá lá, que ainda estou com muita sorte... Se em vez de pardais, fôsem vacas, havia de ficar em bonito estado! Tinha essencia para todo a ano.

A'S PORTAS DO CEU



Quando o «Unhas de Fome» morreu S. Pedro submeteu-o a um interrogatorio:

- Em que te empregavas lá na terra?
- Era usurario.
- Mau! Isso merece o Purgatorio.

- O que tens a alegar em tua defesa?
- Uma vez dei dez centavos a um velho e outra cinco a uma criança.
- Isso merece o Céu, mas como houve a usura vou consultar Nosso Senhor.

Passado algum tempo volta S. Pedro.

- Que disse Nosso Senhor? — pergunta ansioso o «Unhas de Fome».
- Que te devolva o dinheiro e te mande para o Purgatorio.